

## Seara de Caridade do Caboclo Tupinambá

### Mediunidade

Informações básicas

(versão 11/2009)

1. O Exercício da Mediunidade: Introdução
2. Responsabilidade (Individual e do Grupo) no Exercício da Mediunidade
3. Interações com as Entidades
4. Diferentes Formas de Exercício da Mediunidade

4.1. *Trabalho à distância*

4.2. *Trabalho de suporte energético*

4.3. *Apoio ao atendimento das entidades*

4.4. Estudo e discussões doutrinárias

4.5. *A psicofonia (incorporação)*

4.6. Trabalhos durante o sono

5. Comentários finais

**Nota:** Com exceção das informações oriundas de citações devidamente identificadas, todas as informações contidas nesse estudo têm em sua fonte ensinamentos transmitidos a nós pelos nossos caridosos e bondosos guias Exu Pinga-Fogo, Exu Mirim da Calunga, Seu Zé Pelintra e Vovô do Congo. Pedimos a Deus que nos ilumine e nos permita ser dignos de tanto carinho e atenção; que saibamos enxergar em Jesus o caminho para fazer o melhor uso, dentro de nossas limitações, de tanta orientação e caridade recebida.

#### 1. O Exercício da Mediunidade: Introdução

A mediunidade é a faculdade que todos os seres humanos possuem, em diferentes graus, de sentir a influência de espíritos [1]. Através de sugestões mentais sutis, intuições, visões, materializações ou diversas outras formas, as comunicações mediúnicas, para que aconteçam, têm somente uma necessidade básica: dois espíritos pensantes - um encarnado e um desencarnado - que se coloquem em estado de sintonia de pensamentos. Por essa razão, elas fazem parte da experiência humana desde épocas remotas e são observadas em contextos religiosos ou não, em todas as culturas. De certa forma, pois, todos os seres humanos são médiuns. O termo “médiun”, no entanto, é frequentemente utilizado para designar aquelas pessoas que possuem uma faculdade mediúnica ostensiva e/ou que escolhem trabalhar conscientemente com o plano espiritual para um fim específico. Desses, alguns escolhem canalizar as interações mediúnicas para o trabalho em prol do bem, de auxílio ao próximo e de edificação da humanidade. Dentro desse grupo, encontram-se os médiuns da Umbanda. É dessa forma específica de exercício da mediunidade que tratamos aqui, e é a esses indivíduos que nos referimos, de agora em diante, por “médiuns”.

A maior necessidade de todo médiun é esforçar-se para o seu desenvolvimento intelectual e moral. Esse desenvolvimento se dá através de estudos e trabalhos constantes para obter maior compreensão do Amor, em suas diversas formas de expressão, tal como exemplificado no evangelho de Jesus [2]. Esta necessidade também é, paralelamente, o seu maior dever e, para cumpri-lo da melhor forma possível, torna-se essencial estudar os mecanismos aos quais a mediunidade está sujeita.

Allan Kardec publicou “O Livro dos Médiuns” em 1861 e, até hoje, esta obra representa uma das mais completas fontes de informação referentes ao exercício da mediunidade. Na primeira parte desse livro, Kardec trata de questões básicas e definições que, embora se ajustem mais especificamente ao contexto histórico no qual essa obra foi lançada, também são pertinentes ao leitor contemporâneo. Na segunda parte, encontramos um estudo detalhado dos diferentes tipos de mediunidade e das formas pelas quais os espíritos podem se manifestar. Kardec nos apresenta uma análise do papel, da

responsabilidade e da influência do médium nas comunicações espíritas, tratando também, dentre vários outros assuntos, da influência que o ambiente de trabalho exerce nessas comunicações. Desde “O Livro dos Médiuns”, várias outras obras de grande relevância já foram publicadas, nas quais podemos e devemos buscar conhecimentos relativos à mediunidade estruturada no amor [3].

O estudo incompleto e abreviado que apresentamos aqui não visa, de forma alguma, substituir o conteúdo da obra de Kardec ou das outras publicações sobre o apostolado mediúnico, o conhecimento das quais continua sendo de enorme valor para todos os médiuns. Visamos, aqui, simplesmente discutir sobre alguns tópicos que se relacionam ao trabalho específico da mediunidade na Umbanda, com ênfase nas questões que mais se ajustam ao trabalho que realizamos. Esse estudo representa um apanhado resumido dos ensinamentos que os guias de nossa casa de trabalho vêm dividindo conosco. Devido principalmente às limitações e falhas de compreensão daquele que transcreve esses ensinamentos, todos os pensamentos apresentados aqui devem ser analisados criticamente, sob a luz do bom senso, das obras mencionadas acima e do Evangelho de Jesus. É nossa intenção que esse simples estudo seja um instrumento útil para auxiliar cada médium a cumprir seu desenvolvimento—o qual é, final e invariavelmente, responsabilidade a ser realizada de acordo com o esforço e as necessidades de cada um.

## **2. Responsabilidade (individual e do grupo) no exercício da mediunidade**

Toda pessoa deve se habituar a visitar a sua consciência, em exercício constante de autoconhecimento e reforma íntima [4]. No caso específico daqueles que escolhem trabalhar na caridade através da mediunidade, esse exercício deve também se voltar ao questionamento das motivações e propósitos relacionados ao trabalho mediúnico (“Por que faço parte desse trabalho?”; “Quais são os meus reais objetivos?”; “Estou agindo de acordo com os meus objetivos?”). Devido à falta de entendimento geral em torno da mediunidade e ao fascínio relacionado ao fenômeno mediúnico em si, o médium precisa estar sempre seguro a respeito do trabalho que deseja ajudar a realizar, pois, caso contrário, muitas ilusões podem desviá-lo do caminho que, inicialmente e bem intencionado, se propôs a seguir. [5]

Primeiro, devemos estar plenamente conscientes de que o médium é um *instrumento* e, como tal, deve servir com humildade e responsabilidade ao Plano Maior. A primeira consequência da real compreensão desse fato é que o médium deve estar sempre disposto ao trabalho, pois esse trabalho representa uma oportunidade recebida. Assim, o trabalho mediúnico *nuncagraça* que o médium *concede* aos outros, mas, sim, como uma *oportunidade* que ele *recebe*—de servir, de aprender, de crescer. Da mesma forma, o médium deve estar sempre consciente de que está trabalhando para o Plano Maior, e não para agradar ou servir às pessoas da maneira que elas querem ou que podemos julgar ser a “melhor”. As decisões a respeito do tipo de trabalho a ser realizado e da maneira pela qual ele será realizado cabem, sempre, ao Plano Maior - representado pelos dirigentes do trabalho espiritual - e não ao médium. deve ser visto como uma

Não dizemos, aqui, que o médium não deve questionar o tipo de trabalho desenvolvido. Não estimulamos, de forma alguma, a fé cega. Parte da responsabilidade de cada médium reside, justamente, no questionamento e na busca constante de uma fé raciocinada. É claro que, devido às nossas limitações intelectuais e morais, não podemos ter a pretensão de compreender de imediato todos os aspectos envolvidos nos trabalhos de caridade que os nossos irmãos mais iluminados desenvolvem conosco e com os espíritos sofredores [6]. Isso não significa, no entanto, que não devemos buscar essa compreensão.

Sabemos, todavia, que precisamos confiar nas Entidades que trabalham conosco para podermos realmente servir de coração aberto. Cabe a pergunta, então: “Como saber se podemos confiar nas Entidades que trabalham conosco?”. Parte da resposta nos foi dada há mais de 2000 anos: reconhece-se a árvore pelos seus frutos [7]. De um espírito iluminado, só podemos esperar ações que promovam o bem, exemplificadas em seus ensinamentos e maneira de agir. A segunda parte da resposta, a mais crucial, refere-se à vigília que devemos manter. Como o trabalho mediúnico envolve, por definição, sintonia entre o médium e o espírito comunicante, todo médium é, e sempre será, parte fundamental da qualidade da experiência mediúnica. Assim, ter o hábito de vigiar nossos pensamentos e intenções, no exercício da mediunidade e em todos os outros aspectos de nossa vida, nos protege de um único real inimigo: nós mesmos. Na mediunidade exercida na Umbanda, Jesus é o modelo maior para nos guiar

em um trabalho a ser feito com o coração puro, com a intenção verdadeira de servir para o trabalho de Amor. Dentro dessa consciência, para conseguirmos nos entregar com segurança ao trabalho mediúnico, devemos seguir nossos caminhos com um sentido de propósito claro, com fé e, sempre, vigilantes de nós mesmos.

Essencialmente, o que determina a qualidade do trabalho espiritual a ser realizado e o tipo de espíritos que dele participam é o equilíbrio e a intenção do grupo de pessoas reunido para os trabalhos—nunca a quantidade de pessoas, o nome do grupo sob o qual elas se reúnem, a “precisão” do ritual, ou a riqueza material do local de trabalho [8]. Uma pessoa desvinculada de qualquer religião que exerce a caridade e o amor de forma constante, pura, desinteressada, intensa e humilde está, sem sombra de dúvidas, em melhores condições de ser útil ao Plano Maior do que um médium “experiente”, trabalhando em um terreiro onde canta todos os pontos, faz todas as “oferendas” e veste-se de branco e com guias, mas que, pelo motivo que seja, não está trabalhando por amor e com amor. Qualquer pessoa, independente de vínculo religioso, será tão útil ao Plano Maior quanto maior for a sua estabilidade emocional e o seu nível de paz interior, que só o esforço da reforma íntima traz. Com esses comentários, não desvalorizamos a ritualística e os preceitos dos trabalhos de Umbanda, visto que esses têm fundamento e precisam ser conhecidos dos médiuns que trabalham nessa linha. Enfatizamos, simplesmente, que a intenção e a fé presentes no trabalho mediúnico são os fatores mais importantes para o sucesso do mesmo.

Todo trabalho espiritual de relevância no exercício da caridade e do Amor Universal requer dos mentores que trabalham conosco uma organização e um planejamento que são, provavelmente, muito maiores do que podemos imaginar. Também além de nosso conhecimento consciente está o fato de que, frequentemente, o médium pode ser instrumento para diversos tipos de trabalhos de caridade, durante o desprendimento pelo sono ou em qualquer outro momento do dia. Como o Seu Zé Pelintra nos lembra, respeitando nosso livre arbítrio e disponibilidade, ele “usa e abusa dos seus filhos para vencer suas demandas”; ou seja, podemos ser úteis a trabalhos de caridade a todos os momentos. À luz disso, percebemos que nosso potencial para servir aos mentores que trabalham conosco pode ser muito grande e, também, muito longe de nossa compreensão ou de um conhecimento consciente.

Assim, como podemos ser realmente úteis através do trabalho mediúnico se somos inseguros e inconstantes? Como podemos ser bons instrumentos se não estamos convictos de nossos objetivos, se não carregamos em nossos corações intenções tão nobres quanto verdadeiras? A maior oportunidade que a mediunidade nos dá é a de necessitarmos estar *sempre* atentos ao nosso equilíbrio interior e aos nossos pensamentos. Essa é, também, a maior responsabilidade de todas as pessoas, mas, especialmente, de todas aquelas que escolhem trabalhar na caridade através da mediunidade. É uma responsabilidade, no entanto, que, se exercida de coração, só nos trará felicidade: É o “jugo leve” ao qual Jesus se referiu [9].

### **3. Interações com as Entidades**

O trabalhador de um grupo mediúnico tem, em geral, oportunidades mais frequentes de dialogar com as Entidades - “guias” ou “mentores espirituais” - do que a maioria das pessoas. Esse fato, em si, traz a esses trabalhadores uma responsabilidade muito grande, pois o uso adequado daquilo que recebemos nos será cobrado pela nossa consciência quando alcançarmos uma maior evolução intelectual e moral [10]. É imprescindível, assim, que sempre nos questionemos a respeito de como melhor utilizar essa oportunidade tão bela. Allan Kardec discute em detalhes, no capítulo XXVI de “O Livro dos Médiuns”, a respeito dos tipos de perguntas que devemos levar aos espíritos superiores, os quais têm sempre prazer em respondê-las quando elas nos levam ao bem e ao progresso. Será que devemos usar o contato frequente que temos com as entidades para satisfazer curiosidades ou atender a necessidades imediatistas referentes à nossa vida pessoal? Será que devemos “procurar problemas” para trazer à análise de nossos irmãos mais iluminados? Vale meditar a respeito [11].

Esse tópico se resume em um questionamento: a que ponto de vibração estamos levando os espíritos que vêm nos ajudar? Precisamos ter muito cuidado para não canalizar a energia dos nossos iluminados guias para assuntos de ordem material, de natureza inferior. Essa é parte importantíssima da responsabilidade da equipe mediúnica. Estejamos sempre, por favor, plenamente conscientes da

orientação que queremos dar aos trabalhos. Nossos mentores vêm auxiliar-nos em nossa evolução moral e intelectual, porém eles precisam de nossa cooperação—através de um trabalho consciente, bem intencionado e responsável—para que consigam nos ajudar com mais eficiência.

Não podemos, nem devemos, censurar todas as perguntas de caráter pessoal e rotulá-las como sendo de finalidade egoísta ou imediatista. Como pode sempre haver um fim produtivo nessas perguntas, todos os nossos mentores estarão sempre dispostos a nos dar auxílio e orientação quando nos depararmos com dificuldades em nossas vidas. Devemos manter em mente, no entanto, que, ao nos dispor ao trabalho na caridade pela mediunidade, devemos antes buscar servir do que ser servido, antes consolar do que ser consolado. Muitos irmãos em grande sofrimento e ignorância podem encontrar alívio através de nossa mediunidade e, se escolhermos remoer improdutivamente nossos “problemas” quando estamos em condições de trabalhar, não estamos exercendo todo o bem que poderíamos exercer. Paralelamente, é muito importante que sempre nos lembremos que os “problemas” em nossas vidas são, na verdade, “soluções”, ou seja, oportunidades de crescimento. Vivenciar esse conhecimento através de uma atitude sempre positiva, que reflita resignação e paciência, é um dos grandes frutos da verdadeira fé. As Entidades que trabalham conosco nunca vão resolver os nossos “problemas”, pois isso seria um desfavor para nós. Vão, isso sim, nos auxiliar a resolvê-los através de ensinamentos que nos motivem a buscar a fé e o cumprimento da Lei do Amor em nossas vidas.

#### **4. Diferentes formas de exercício da mediunidade**

Durante os trabalhos de passe e atendimento, todos os trabalhadores da casa (fisicamente presentes ou não) têm uma importância muito grande. A idéia de que a responsabilidade e o sucesso do trabalho dependem somente das Entidades que vêm nos oferecer auxílio não corresponde à realidade. Da mesma forma, a idéia de que um tipo de mediunidade é mais importante do que outro, ou de que um médium tem um papel mais importante do que outro, não é, de maneira alguma, verdadeira [12]. Um médium só poderá ser eventualmente diferenciado dos demais por uma expressão mais intensa de concentração, de equilíbrio e de vibração de amor e paz—para a qual todos têm o mesmo potencial. Seguem abaixo diferentes formas, igualmente importantes, através das quais a mediunidade voltada ao amor pode ser exercida em nossas reuniões.

##### *4.1. Trabalho à distância:*

A nossa presença física no local de trabalho no dia e na hora predeterminados não é o fator que determina nosso potencial de servir para o bem. Onde quer que estejamos fisicamente, nossos mentores podem utilizar nossos pensamentos e boa intenção para o exercício da caridade. Dessa forma, Seu Zé Pelintra sempre nos lembra que, caso não possamos comparecer fisicamente aos trabalhos dos quais nos comprometemos a participar, ainda estaremos em condições de ajudar, desde que nos concentremos em prece (pelo tempo que for possível), pedindo aos mentores para que, dentro de nossas limitações, possamos contribuir com o trabalho.

##### *4.2. Trabalho de suporte energético:*

Certos médiuns (camponos e ogãs ou não) são muitas vezes utilizados para restaurar as energias de outros médiuns, envolvidos em diferentes tipos de trabalho, ou de irmãos encarnados ou desencarnados que vão aos trabalhos da casa para serem atendidos. Nesse tipo de trabalho, o médium pode estar sendo útil mesmo que não esteja concentrado na doação energética em si, por estar envolvido em outra(s) forma(s) de trabalho. Vemos assim um exemplo de como é crucial que o envolvimento emocional no trabalho—através do interesse real pelo bem e pelo progresso de todos—seja o mesmo, independente da função que o médium exerce conscientemente.

##### *4.3. Apoio ao atendimento das Entidades:*

Os médiuns presentes também são utilizados pelas Entidades que trabalham com eles para que o campo psíquico das pessoas a serem atendidas seja aberto antes mesmo do atendimento com o espírito encarregado de dar comunicações. Essa abertura da psicofera de cada pessoa propicia que as entidades possam preparar um atendimento individual com maior facilidade (acessando os anseios, medos, desequilíbrios e as preocupações de cada um), que se inicia antes mesmo que elas conversem com a Entidade que oferece comunicações. Além disso, essa abertura também propicia que cada

pessoa possa, antes de receber o passe, captar energias calmantes e de equilíbrio providas dos médiuns e, principalmente, da equipe espiritual que trabalha enquanto as pessoas aguardam a conversa com as Entidades. Isso também facilita o trabalho da Entidade encarregada desse tipo de atendimento, pois tem o potencial de aumentar a assimilação dos ensinamentos por parte do consulente.

#### 4.4. Estudo e discussões doutrinárias:

Os estudos da doutrina Espírita e da moral cristã que são conduzidos durante os trabalhos são, de acordo com os mentores de nossa Casa, um elemento indispensável para o sucesso do trabalho em geral. Para os médiuns, esses estudos são de extrema necessidade, pois vão estruturar todos os seus futuros caminhos no exercício da mediunidade para a caridade. Nesses estudos, também, muitas pessoas que nunca foram expostas às implicações morais do conhecimento da imortalidade da alma são apresentadas à doutrina Espírita, uma fonte inesgotável e segura de orientação para sua busca espiritual. Outras, que já conheciam a doutrina, mas não a entendiam verdadeiramente, podem encontrar maneiras de aplicá-la em suas vidas, de forma a encontrar a paz interior e o equilíbrio que todos procuramos. Além dessas pessoas, muitos irmãos desencarnados se beneficiam nesses estudos de informações e orientações valiosíssimas. Esses irmãos, por ainda estarem muito ligados à matéria, não conseguem enxergar os mentores da Casa, mas são levados às reuniões para que estudem conosco. Vale lembrar que esse é um dos motivos pelos quais designamos um dia específico de trabalho em inglês—para atender aos espíritos que não entenderiam os estudos em português. Vê-se, claramente, que todo médium que se prepara devidamente e contribui positivamente nesses estudos está, sem sombras de dúvidas, trabalhando em nome do Amor Universal, seguindo o caminho do apostolado mediúnico cristão umbandista.

#### 4.5. A psicofonia (incorporação):

Embora seja simplesmente mais uma das muitas formas de exercício da mediunidade, ela tem um destaque maior porque é através dela que muitos de nós recebemos orientações e ensinamentos por parte de Entidades. Para as pessoas que procuram o terreiro simplesmente para receber orientações dessas Entidades, o médium psicofônico (de “incorporação”) está em uma posição de destaque e, por isso, esse tipo de mediunidade é o que mais perigo traz aos médiuns que ainda não estão estruturados moralmente, podendo levar mais facilmente aos desvios da vaidade, do orgulho e da prepotência—os quais, sem dúvida, têm o potencial de prejudicar enormemente a qualidade do trabalho. Por outro lado, ela é o tipo de mediunidade que propicia de forma mais clara o teste de humildade e de discernimento no que se relaciona à compreensão do papel do médium como instrumento do Plano Maior.

Os mentores da Seara comparam muitas vezes o médium de incorporação a um jarro de água, embora essa analogia seja também válida aos outros tipos de mediunidade. Independente da pureza inicial da água, esta nunca sairá potável do jarro se o jarro estiver sujo. É responsabilidade do médium procurar ser um “jarro limpo”. As Entidades bondosas que trabalham conosco não nos pedem que sejamos perfeitos; elas pedem, simplesmente, que nos esforcemos ao máximo para seguir nossa evolução, fazendo todo o bem (para os outros e para nós mesmos) que podemos fazer. Esse esforço inclui, naturalmente, buscar a nossa pureza interior para que possamos ser tão fiéis quanto possível à luz das Entidades que se comunicam através de nós, refletindo seus ensinamentos com o mínimo de influências negativas oriundas de nossas imperfeições.

#### 4.6. Trabalhos durante o sono:

Embora possamos não ter consciência disso, muitas vezes nosso grupo se reúne durante os momentos em que nossos espíritos apresentam uma certa liberdade da matéria, quando nos desprendemos do corpo físico durante o sono. Muitos de nós já tivemos a alegria de lembrar, quando acordados, de alguns aspectos de tais trabalhos. O que essas experiências nos mostram com clareza é que o trabalho na caridade e o exercício da mediunidade são atividades constantes, para as quais devemos estar sempre preparados (inclusive em nosso próprio benefício). Fica claro também que um médium que pode pensar possuir uma “mediunidade ainda não a florada”, quando consciente, pode trabalhar de diversas formas quando está desprendido do seu corpo físico. São vários os relatos na literatura Espírita de médiuns que servem a espíritos de luz durante o sono, através dos mesmos mecanismos que conhecemos quando acordados; ou seja, podemos trabalhar de todas as formas expostas acima quando nos encontramos no “plano espiritual”. Esses trabalhos podem ser, inclusive, uma continuação dos tratamentos e estudos que iniciamos nas nossas reuniões no plano terrestre. Em face disso tudo, percebemos a importância da

prece e/ou do hábito de uma leitura edificante antes de dormirmos, além, é claro, da constante busca pelo nosso equilíbrio e pela vigilância do padrão vibratório de nosso campo mental.

## 5. Comentários finais

Porque todos somos, de uma forma ou de outra, parte integrante do trabalho, o sucesso deste depende de cada um de nós. Assim, todos nós, igualmente, devemos estar especialmente atentos aos nossos padrões mentais e ao nosso comportamento nos dias em que nos comprometemos a trabalhar na caridade através da mediunidade. O bom-senso nos indica, no entanto, que tudo que fazemos para nos tornar melhores instrumentos nos dias de compromisso mediúnico também deve ser buscado em dias em que não temos (conscientemente, pelo menos) tal compromisso. Assim, a rigor, não há muito sentido em determinar padrões comportamentais exclusivos para os dias de trabalho mediúnico; o que é verdadeiramente valioso para você e para os outros no dia de trabalho, o será também em todos os demais dias. Os dias de compromisso predeterminado para trabalhos com a mediunidade, no entanto, são de especial importância porque, neles, nos responsabilizamos não só pelo nosso bem-estar, mas, também, pelo auxílio a irmãos necessitados. Por isso, estaremos envolvidos em trabalhos nos quais certas condições precisam ser atingidas para o nosso bem e o dos outros. Assim, perguntamos, por exemplo: como doar fluidos vitais de alívio para espíritos ainda ligados ao vício, se possuímos em nosso organismo resíduos das mesmas substâncias que os atormentam? Como podemos ajudar a reduzir o vínculo que espíritos obsessores têm pelo plano material se concentramos nossas energias vitais em nossos centros gástrico ou genésico, justamente por onde muitos deles ainda se vinculam ao plano terrestre? Finalmente, como levar equilíbrio e paz se nos encontramos perturbados, enfermos, ou agitados? Resumidamente, não podemos doar o que não temos e, quando nos comprometemos a trabalhar através dessa doação, nossa responsabilidade e necessidade de vigília—que *sempre* existe—aumenta muito.

[1] - Kardec, Allan. 1861. O Livro dos Médiuns. Tradução para português de Guillon Ribeiro. Ed. Federação Espírita Brasileira (1944). pp. 203-204 (Capítulo XIV - Dos Médiuns).

[2] - Kardec, Allan. 1861. O Livro dos Médiuns. Tradução para português de Guillon Ribeiro. Ed. Federação Espírita Brasileira (1944). pp. 283-293 (Capítulo XX—Da influência moral dos médiuns); Xavier, Francisco Cândido / Emmanuel. 1940. O Consolador. Federação Espírita Brasileira. (pergunta 387); “Qualidade na Prática Mediúnica” - Projeto Manoel Philomeno de Miranda, página 30.

[3] - Além das já citadas, sugerimos as seguintes obras: “Transe e Mediunidade” (L. Palhano Jr.), “Mecanismos da Mediunidade” (Francisco Cândido Xavier / Espírito André Luiz), “Nos domínios da Mediunidade” (Francisco Cândido Xavier / Espírito André Luiz).

[4] - Kardec, Allan. 1866. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Federação Espírita Brasileira. 112ª edição. Tradução de Guillon Ribeiro (1944). (Capítulo XVII, item 2, “O Homem de Bem”)

[5] - Xavier, Francisco Cândido / Emmanuel. 1940. O Consolador. Federação Espírita Brasileira. (pergunta 410)

[6] - ver também “O Livro dos Espíritos”, Parte 1ª, Capítulo 2, questões 17 a 20. Embora colocadas em um contexto um pouco diferente do que tratamos aqui, essas repostas dos espíritos e os comentários de Kardec ilustram as limitações morais e intelectuais às quais estamos sujeitos.

[7] - Lucas, 6:43-45 e Mateus, 7:15-29

[8] - Xavier, Francisco Cândido / Emmanuel. 1940. O Consolador. Federação Espírita Brasileira. (pergunta 377)

[9] - Mateus, 11:28-30. (ver também comentários de Allan Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo 6).

[10] - Lucas, 12:47-48; João, 9:39-41; Mateus, 25:14-30.

[11] - Xavier, Francisco Cândido / Emmanuel. 1940. O Consolador. Federação Espírita Brasileira. perguntas 403-406.

[12] - Xavier, Francisco Cândido / Emmanuel. 1940. O Consolador. Federação Espírita Brasileira. (perguntas 383-390).